



AS VOLTAS DO SACO AZUL DO GES

1999 Alexandre Cadosch sai de subdiretor da GESTAMP, empresa suíça de serviços de ocultação financeira do GRUPO ESPÍRITO SANTO (GES), e cria a EUROFIN, de que se torna administrador-delegado. A nova empresa dedica-se ao mesmo tipo de atividade, mas formalmente não é controlada pelo GES

2000 É criado o FUNDO ZYRCAN como uma companhia offshore controlada através de uma outra companhia offshore, a ARCA INVESTMENTS LIMITED.

2003 A ARCA dá poderes à EUROFIN para comprar e vender papel comercial em nome do ZYRCAN. O ZYRCAN tem nesta altura contas bancárias em quatro países

PANAMA PAPERS
 INVESTIGAÇÃO

2007 A ARCA INVESTMENTS LIMITED, que tinha sido incorporada em janeiro de 2000 em Niue, muda-se para Samoa. Entretanto o ZYRCAN empresta cerca de €25 milhões de euros à RELCOVE, offshore que serviu para o GES adquirir uma posição na SEMAPA em Portugal

2009 Neste ano, o ZYRCAN é o único comprador de €1,8 mil milhões em obrigações cupão-zero (papel comercial) ao BES revendendo-as depois "pelo dobro" do preço que tinha pago, de acordo com um artigo publicado por "The Wall Street Journal" em agosto de 2010



PARAÍSO FISCAL EXPULSA FUNDO QUE ALIMENTOU O SACO AZUL DO GES

Nova fuga de informação revela e-mails recentes trocados entre o gestor suíço das offshores secretas do Grupo Espírito Santo e a Mossack Fonseca

Textos MICHAEL PEREIRA Infografia SOFIA MIGUEL ROSA

Aos poucos o novo desenrola-se. Em outubro de 2017, quando terminou o inquérito-crime da "Operação Marquês", com o ex-primeiro-ministro José Sócrates e o antigo banqueiro Ricardo Salgado a serem acusados de corrupção, o Ministério Público concluiu que o "saco azul" do Grupo Espírito Santo (GES) de onde saíram mais de 70 milhões de euros em alegados subornos foi alimentado até 2013 com pelo menos 165 milhões vindos de um misterioso fundo chamado ZyrCAN. Esse fundo, que lucrou como intermediário na venda de papel comercial aos clientes do Banco Espírito Santo (BES), fora detetado pelo Expresso durante a primeira vaga de artigos dos "Panama Papers", em 2016, porque surgiu associado a uma conta bancária aberta num banco no Panamá, o Credicorp Bank, sete meses depois do colapso do BES e do GES e dois meses antes de mais de 500 imóveis e empreendimentos da família Espírito Santo terem sido arrematados em Portugal. Um gestor suíço tinha entretanto assumido em novembro de 2015 junto do Credicorp Bank ser o beneficiário efetivo da conta. Teria ele fugido com o dinheiro? O que aconteceu depois? Nos "Panama Papers" não era possível ir além do final de 2015. Até agora.

Uma nova fuga de informação obtida pelo jornal "Stüdtische Zeitung" e partilhada com o Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação (ICIJ), de que o Expresso é parceiro, veio acrescentar 1,2 milhões de novos documentos aos 11,5 milhões que já estavam antes disponíveis nos "Panama Papers" e estender assim até dezembro de 2017 o conhecimento sobre a vida interna da Mossack Fonseca (MF), um escritório de advogados multinacional especializado em registar

offshores e fornecer administradores de fachada — e que está na origem de todos esses ficheiros.

No novo acervo estão e-mails recentes trocados com o gestor suíço que geria o ZyrCAN e que se declarou no Panamá como o verdadeiro dono da conta no Credicorp Bank. Alexandre Cadosch, o homem em causa, está à frente de uma empresa de serviços fiduciários, a Eurofin, que ajudou o núcleo duro do GES liderado por Ricardo Salgado a esconder ao longo de 15 anos operações complexas e a desviar, segundo o Ministério Público, 800 milhões de euros do BES para entidades desconhecidas.

PODEM ASSINAR ESTES PAPÉIS?

A 26 de setembro de 2016, Alexandre Cadosch escreve à filial da Mossack Fonseca em Genebra, na Suíça, com um pedido muito urgente. O e-mail tem uma referência explícita ao "ZyrCAN" no título da mensagem. Passou-se apenas um mês desde a publicação pelo Expresso da história sobre a conta aberta no Credicorp Bank em nome de uma offshore chamada Arca Investments Limited, incorporada no estado soberano da Samoa, na Polinésia, e através da qual o ZyrCAN era por sua vez controlado. Cadosch quer que os administradores de fachada da Arca Investment — que são

meros funcionários da Mossack Fonseca — assinem uns papéis e os enviem diretamente, no prazo de três dias, para um vice-presidente da Credicorp Securities, uma corretora no Panamá do grupo do Credicorp Bank especializada em comprar e vender aplicações financeiras para os seus clientes. São dois papéis que devem ser assinados: uma certidão de registo a assegurar que a companhia está a funcionar normalmente; e um certificado com as informações sobre os seus administradores e sobre quem tem poderes de assinatura.

Mas não acontece o que Cadosch está à espera. No dia seguinte, a 27 de setembro de 2016, os funcionários de Genebra da MF respondem a confirmar que receberam o pedido e que entendem que "o assunto é urgente", mas há um senão: "Estamos a rever o dossiê sobre a companhia para perceber se ela cumpre com as regras de due diligence" ("dever de diligência", ou seja, o dever de verificar quem é o cliente). Então, a 28 de setembro, a Mossack Fonseca manda um novo e-mail ao CEO da Eurofin com uma lista de exigências e formulários para serem preenchidos.

O gestor suíço está dado como beneficiário efetivo de 100% da Arca Investments numa declaração assinada em novembro de 2015 pelos administradores de fachada da Mossack Fonseca — e entregue ao Credicorp Bank — mas agora a operadora quer mais pormenores sobre a companhia, incluindo sobre as atividades de outras offshores controladas por ela, o que implica expor o ZyrCAN. Um formulário específico pede para discriminar o tipo de atividades, a

origem do dinheiro e o valor dos ativos, além de uma lista de todas as assinaturas autorizadas a realizar operações.

Quanto dinheiro é que tem ainda o fundo? Onde e como é que foi ganho? Nada disso é do conhecimento da operadora de offshores. Na verdade, Cadosch construiu uma teia de compartimentos estanques que não comunicam entre si. Três paraísos fiscais foram sobrepostos para esconder o fundo misterioso. Na realidade, o ZyrCAN é ele próprio uma companhia offshore incorporada no ano 2000 por uma concorrente da Mossack Fonseca nas Ilhas Virgens Britânicas; e a Arca Investments, sediada em Samoa e com uma conta no Panamá, é detida formalmente por uma terceira offshore, a Nolandia Investissements, registada mais uma vez nas Ilhas Virgens Britânicas. Em cada um destes locais ninguém parece saber mais do que precisa.

UM SILÊNCIO SELETIVO

Apesar da urgência demonstrada em obter os papéis para o ZyrCAN, Alexandre Cadosch não responde aos e-mails renovados da Mossack Fonseca sobre a Arca, nem quando, a 2 de junho de 2017, é avisado sobre as consequências do seu silêncio: "Não recebemos a documentação de due diligence solicitada para a companhia. Pedimos-lhe o favor de fornecer esses elemen-

tos nas próximas duas semanas, caso contrário iremos avaliar a nossa renúncia como agente de registo."

Poucos dias depois a Mossack Fonseca demite-se de qualquer responsabilidade em relação à offshore detentora do ZyrCAN e o passo seguinte acontece: a Autoridade Financeira Internacional de Samoa é informada sobre a falta de fornecimento de informações essenciais por parte do cliente e a 7 de julho de 2017 a Arca Investments é eliminada do registo de companhias. Isto é, deixa de estar ativa, o que significa que não pode mais fazer operações. "As responsabilidades de qualquer funcionário ou membro da companhia continuarão a existir após a dissolução da empresa acima mencionada e serão exigidas como se a empresa estivesse ativa", sublinha o ofício das autoridades da Samoa.

O silêncio mantido com a operadora de offshores a partir de 26 de setembro de 2016 sobre o ZyrCAN não impede o gestor suíço de escrever à Mossack Fonseca depois disso sobre outras companhias geridas por ele. O último e-mail enviado por Cadosch para a filial da operadora em Genebra é de 7 de julho de 2017, o dia em que a Arca Investments é expulsa da Samoa.

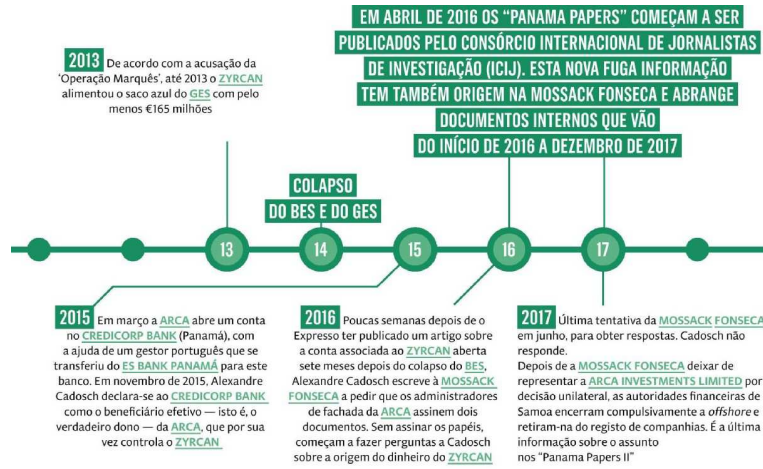
Além da Arca Investments, a Eurofin tinha em 2016 e 2017 mais cinco offshores com administradores de fachada fornecidos pelo escritório de advogados do Panamá. Quatro dessas offshores estão incorporadas tam-

bém na Samoa e uma quinta está sediada nas Baamas. Duas delas são tão misteriosas quanto a companhia que controlava o ZyrCAN e, juntas, detêm de forma indireta quase 17 milhões de euros em aplicações financeiras registadas no Luxemburgo. Cadosch não respondeu às perguntas do Expresso sobre este e outros assuntos.

mpereira@expresso. imprensa.pt

EM SETEMBRO DE 2016 CADOSCH PEDIU COM URGÊNCIA UNS PAPÉIS ASSINADOS POR CAUSA DO ZYRCAN

CADOSCH CONTINUOU A ESCREVER À MOSSACK SOBRE OUTRAS COISAS. SOBRE O ZYRCAN NÃO RESPONDEU MAIS



QUAL É A IMPORTÂNCIA DO FUNDO ZYRCAN?

